

Lançamento

“Dicionário Internacional da Outra Economia” é fruto do trabalho de pesquisadores de vários países

Ânia Chala

Durante o 1.º Fórum Social Mundial, realizado em 2001 em Porto Alegre, experiências do mundo inteiro envolvendo a economia solidária tiveram grande visibilidade. Antonio David Cattani, professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, recorda que, naquela ocasião, verificou-se um desencontro de terminologias e experiências que não eram comparáveis. “O cooperativismo do qual falávamos era diferente do cooperativismo empresarial que vigorava em alguns setores. Na esteira do Fórum, realizamos uma série de seminários no Rio Grande do Sul. Assim, articulou-se uma equipe altamente competente e diversificada, que começou a clarificar conceitos sobre experiências inovadoras como a das cooperativas e das redes solidárias.”

O resultado dessas discussões foi o lançamento, em 2003, do livro *A outra economia*, durante o Fórum Social daquele ano. Embora houvesse estudos sobre alternativas ao capitalismo, conduzidos por Paul Singer e outros autores, não existia nada semelhante no mercado editorial, e a obra foi um sucesso rápido, porque as pessoas procuravam comparar termos e clarificar conceitos. E aí começa uma história extraordinária.

Trajatória internacional - O livro foi imediatamente traduzido para o espanhol e lançado na Argentina, esgotando-se rapidamente. “Nesse meio tempo, encontrei o professor Jean-Louis Laville, autoridade mundial no tema da economia alternativa. E ele propôs que, a partir da edição brasileira, fizéssemos uma edição ampliada em francês. Então, o *Dictionnaire de L'autre économie* foi publicado por duas editoras conceituadas, uma delas a Galimard. A obra teve duas edições praticamente esgotadas de 8 mil exemplares, um número muito bom mesmo na França, pois livros acadêmicos não vendem muito”, lembra Cattani.

A partir da publicação francesa, houve uma edição italiana que também alcançou boa repercussão. “Depois disso, procurei os professores Luiz Inácio Gaiger, da Unisinos, pesquisador com várias publicações nessa área, e Pedro Hespanha, integrante da equipe de Boaventura de Sousa Santos. Partimos então para a organização de uma edição internacional com mais de 50 autores europeus, latino-americanos e africanos”, diz o sociólogo.

O *Dicionário Internacional da Outra Economia* foi lançado pela editora Almedina, de Coimbra (Portugal), e, de novo, a trajetória correspondeu à dinâmica do tema do livro: ele foi simbolicamente lançado no início deste ano, na edição do Fórum Social Mundial em Belém, e também em um congresso luso-afro-brasileiro na cidade de Braga, em fevereiro. Houve um lançamento em Porto Alegre e em São Leopoldo, no mês de março. Cattani adianta que, em maio, a obra chegará às livrarias de Moçambique e, nos próximos meses, estará disponível também em Recife, São Paulo, Joinville, Florianópolis, Juazeiro, Petrolina, Manaus e Brasília. No segundo semestre, será a vez de ocupar espaço na Feira do Livro de Porto Alegre. “A melhor parte é que, junto com o economista José Luis Coraggio, já estamos elaborando um *Dicionário Latino-americano da Outra Economia*.” Segundo Cattani, a nova publicação agregará partes desta edição e contribuições de autores latino-ame-



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Obra traz alternativas à economia capitalista

ricanos, com lançamento previsto para agosto, em Buenos Aires, durante o congresso da Associação Latino-americana de Sociologia.

O sociólogo também está preparando, por meio de uma parceira com outros colegas interessados na economia solidária, um guia para a cidadania mundial, que não se limita à ideia de esfera econômica, abrangendo conceitos como consumo consciente, comércio justo, sustentabilidade e preservação ambiental.

Capitalismo autêntico - Desde o final dos anos 90, o mundo observou um aumento extraordinário das desigualdades. O capitalismo estava em processo de expansão globalizada, atingindo todos os países e, ao mesmo tempo, os problemas essenciais continuavam os mesmos e, em alguns casos, até agravados, pois havia uma forte concentração de renda. Cattani salienta que o quadro era resultado do modelo do capitalismo autêntico, sem freios, que alguns chamam de capitalismo selvagem. “Ele não aceita controles estatais, explora a mão de obra ao máximo em qualquer lugar do mundo, quer liberdade para circular e aproveitar vantagens tributárias sem qualquer comprometimento com o local ou com uma identidade de país. É um capitalismo que não tem compromisso com a vida. Um exemplo são as papelarias que saem dos países nórdicos e se instalam no sul para destruir os recursos que ainda temos. Daqui a 21 anos, quando a terra estiver devastada, eles irão embora para outro lugar”, avalia.

Por outro lado, o final da década de 90 também registrou o surgimento de uma economia diferente, com a proliferação de experiências reais no campo do cooperativismo e da autogestão de empresas com o rótulo genérico de economia solidária. As universidades começaram a se envolver com esses projetos, buscando a incubação desses empreendimentos que são regidos por lógicas não convencionais.

Viver no coletivo - Um dos 58 verbetes presentes no dicionário é o que trata dos chamados bens públicos mundiais. Cattani explica que esse é um conceito novo aplicado às coisas que são comuns à humanidade. Existem bens que são de todos, portanto não podem ser objeto de exploração de interesses privados, localizados ou nacionais. “É bem a ideia que o Fórum Mundial sempre explorou: as fronteiras são convenções, a poluição na para na fronteira dos Estados Unidos com o México; a poluição europeia alcança a África, o Ártico e outros continentes.”

O professor ressalta que tudo o que diz respeito à economia solidária engloba também o conceito de sustentabilidade. A economia solidária trabalha localmente, envolvendo parcerias específicas com os órgãos públicos e não tem comparação com uma média empresa ou uma corporação que por estratégias diversas se instala num determinado ponto, corrrompe, polui e vai embora. “Grandes empresas dissimulam seus objetivos através de estratégias de marketing. Um exemplo recente é a propaganda de um banco norte-americano que veicula imagens de monumentos de grandes cidades, como Paris, seguidas de monumentos porto-alegrenses, como a Catedral das Dores e o Monumento ao Expedicionário. Trata-se de um engodo, porque tenta vender a ideia de que aquele banco é local, é gaúcho. Tudo isso é de uma falsidade completa, pois esses empreendimentos estão instalados aqui à custa de isenções fiscais e da exploração da mão de obra barata. Eles não têm qualquer apego aos locais onde se instalam, o que é próprio do capitalismo”, conclui.

Já a economia solidária tem vínculo com o respeito à terra, com uma ideia de valorização humana que não é uma abstração: significa trabalho decente e bem remunerado, sem despotismo fabril e sem disciplina alienante. “Na edição de março do Jornal da Universidade um dado interessante apareceu na reportagem sobre os problemas do trânsito: independentemente dos incentivos do governo para a compra de carros novos, há a tendência ao individualismo, à negação do espaço. As pessoas se isolam em suas casas e em seus carros. O trânsito é regido por uma lógica individualista. A ideia do solidário é pensar em como viver juntos com qualidade de vida. Não é negar o progresso, mas buscar uma outra dimensão para a fruição dos bens. Viver no coletivo significa abolir um tipo de consumo e um modo de vida que são inviáveis”, finaliza o professor.

Economia solidária ainda não se consolidou nas universidades

O *Dicionário Internacional da Outra Economia* foi organizado por quatro pesquisadores ligados a universidades, assim como quase todos os autores dos verbetes.

Na opinião do professor Antonio David Cattani, um dos organizadores, esse tipo de publicação corresponde à ideia de uma universidade pública, produtora de um tipo de conhecimento que seja útil para a sociedade como um todo. Ele informa que a UFRGS tem um trabalho bem forte no Núcleo de Economia Alternativa (NEA), coordenado pelo professor Carlos Schmidt, da Faculdade de Ciências Econômicas, que desenvolve experiências reais em torno de redes, da ação solidária e da incubação de empreendimentos. “Mas não dá para dizer que esse é um tema consolidado nas universidades. Acho que estamos muito longe de atender a questões do interesse de uma outra economia. Um exemplo é o fato de que esses temas ainda não foram incorporados à formação dos alunos dos cursos de Economia, Administração, Direito e das Ciências Contábeis. Esses cursos formam profissionais dentro da lógica do modelo em vigor.”

Cattani acredita que a economia solidária precisa construir outros referenciais, pois a lógica do capitalismo estimula o consumo obsessivo, utilizando ferramentas como o marketing. “Hoje as pessoas compram lixo importado sem qualidade e não valorizam a produção local, quando nas feiras de economia solidária há produtos melhores e que geram mais renda. Tudo passa pela formação da opinião pública e a Universidade Pública tem legitimidade para fazer isso”, diz ele, acrescentando que é preciso pensar numa outra lógica de consumo.

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DA OUTRA ECONOMIA



Antonio David Cattani, Jean-Louis Laville, Luiz Inácio Gaiger e Pedro Hespanha (orgs.).
 Editora Almedina, 2009,
 352 págs.
 Preço médio R\$ 50